Os “amores difíceis” no sertão de Minas: literatura e teologia num conto de Tutaméia

Waldecy Tenório

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

FERRAZ, S., *et al.*,orgs. *Deuses em poéticas: estudos de literatura e teologia* [online]. Belém: UEPA; Campina Grande: EDUEPB, 2008. 364 p. ISBN 978-85-7879-010-3. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Os “amores difíceis” no sertão de Minas: Literatura e Teologia num conto de Tutaméia

Waldecy Tenório

Os "amores difíceis" no ser-
tão de Minas: Literatura e
Teologia num conto de Tu-
tâméia

Waldecy Tenório

TENÓRIO, Waldecy*

Resumo: No Natal de 1886, aos 18 anos, sem saber ao certo por que, Paul Claudel encontra-se na catedral de Notre Dame. Há muito perdeu a fé da infância. No entanto, naquela noite, em meio às pessoas que se reúnem em torno do altar, ele acompanha a missa. Tudo em volta, as luzes, o perfume do incenso, os vitrais, os cânticos, a liturgia, a beleza da catedral, tudo o deixa numa espécie de transe. “Fui tocado pela mão de Deus”, ele dirá mais tarde. E mais tarde ainda, já consagrado como um dos maiores poetas franceses, ele recorda aquela noite, revê a imagem de Nossa Senhora e escreve: *Mère de Jésus-Christ, je ne viens pas prier*¹⁴⁰... Esse verso famoso mostra a influência que o espaço teológico exerce sobre a literatura. O artigo a seguir vai nessa mesma direção, mas em sentido contrário. A partir de uma história acontecida no sertão de Minas, mostra que o espaço literário cria um espaço teológico e a literatura é também uma possibilidade de revelação.

Palavras-chave: Espaço literário, espaço teológico, sertão de Minas, Paul Claudel, Guimarães Rosa, revelação.

Resume: La nuit de Noel de 1886, à 18 ans, sans savoir au juste pourquoi, Paul Claudel se trouve à la cathédrale de Notre Dame de Paris. Il a perdu la foi de son enfance et pourtant, cette nuit-là, au milieu des gens que se réunissent autour de l'autel, il suit la messe. La lumière de bougies, le parfum de l'encens, le vitraux, les chants, la liturgie, la beauté de la cathédrale, tout le laisse dans une sorte de extase. “Je fus touché par la main de Dieu”, dira-t-il plus tard. Et bien plus tard encore, étant déjà reconnu comme un des plus grands poètes français, il se souvient de cette nuit, revoit l'image de la Vierge et écrit: *Mère de Jésus-Christ, je ne viens pas prier...* Ce vers devenu célèbre montre l'influence que l'espace théologique exerce sur la littérature. Cet article prend le même

* Waldecy Tenório é atualmente professor associado da PUC-SP Graduado em Letras Clássicas e doutorado em Filosofia pela Universidade de São Paulo, é ex-pesquisador visitante do IEA – USP e autor, entre outros, de *A bailadora andaluza: a explosão do sagrado na poesia de João Cabral* (Ateliê Editorial/Fapesp) E-mail: waldecytenorio@uol.com.br

140 “Mère de Jesus-Christ, je ne viens pas prier/ Je n'ai rien à offrir et rien à demander/ Je viens seulement, Mère, pour vous regarder/ Vous regarder, pleurer de bonheur, savoir cela/ Que je suis votre fils et que vous êtes là (Mãe de Jesus Cristo/ não venho aqui para rezar/ Nada tenho a oferecer e nada a pedir/ Venho somente, Mãe, para vos olhar/ Vos olhar, chorar de felicidade e saber/ Que sou vosso filho e que vós estais aí) - *Poèmes de guerre*.

chemin, mais au sens contraire. À partir d'une histoire qui s'est passé au "sertão" (arrière pays) de Minas Gerais, l'auteur essaie de montrer que l'espace littéraire crée un espace théologique et que la littérature est aussi une possibilité de révélation.

Mots-clé: Espace littéraire, espace théologique, sertão de Minas Gerais, Paul Claudel, Guimarães Rosa, révélation.

O que pretendemos fazer neste texto é uma reflexão sobre as difíceis relações entre literatura e teologia, como elas se aproximam e se afastam e, por fim, perguntar se elas podem mesmo viver juntas. Isto se fará sob a invocação de Guimarães Rosa, partindo-se da leitura, ou melhor, da transleitura de um conto que faz parte do livro *Tutaméia*. Trata-se da estória do jagunço Jeremoavo, de como ele chega a um lugarejo chamado “Barra da Vaca”, que dá nome ao conto, dos seus encontros e desencontros com Domenha e, finalmente, do que lhes acontece e de como termina essa aventura.

O enredo do conto, em suas linhas gerais, é simples. Jeremoavo abandona a família e sai perambulando sertão afora. E assim chega a Barra da Vaca, extenuado, faminto e doente. Sua presença provoca alguma apreensão entre os moradores, mas, como ele parece homem de posses, logo encontra abrigo na pensão de Domenha. Enquanto ele está enfraquecido, tratam-no bem, com certa cortesia, mas assim que recobra a saúde e começa a andar pelas ruas da aldeia, surgem desconfianças e suas relações com os moradores começam a ser tensas e difíceis. Mas sei que detestariam se revelasse agora o final da narrativa.

Primeira margem: experiência dos limites.

“Sucedeu então vir o grande sujeito entrando no lugar”. É assim que o conto se abre, e o narrador vai logo dizendo o que sabe do jagunço. Desde o início, o narrador se preocupa em dar informações para o leitor acompanhar o que se passa entre Jeremoavo e os moradores daquele “ribanceiro arraial de nem quinhentas almas”. Ribanceiro – ele chama – porque o arraial fica na margem alta ou na ribanceira do rio Urucúia.

Ao apresentar Jeremoavo, a primeira coisa para a qual ele chama a atenção é para o fato de que se trata de “um capiau de muito longíquo”. Ninguém ali o conhece e todos o olham com uma mistura de curiosidade e desconfiança, e também um pouco de ironia, principalmente porque ele vem “pisando o arenoso”, sem saber direito para onde vai, porém indo, como diz o narrador, “em aflito caminho para nenhuma parte”

141 Todas as citações de “Barra da Vaca” são tiradas de *Tutaméia*, João Guimarães Rosa, Rio de Janeiro: José Olympio, 3ª. Edição, 1969.

Aquele que chega às margens da teologia vindo da literatura, portanto, de outros sotaques, de outras bibliotecas e de outras ignorâncias é também um capiau de muito longínquo. E a identificação do crítico com Jeremoavo ocorre imediatamente. Mesmo porque Jeremoavo, nas suas andanças pelo sertão, é a própria representação da literatura, no seu exílio e na busca permanente de alguém ou de alguma coisa.

Mas se continuarmos lendo, o narrador acrescenta adiante: “Seus bigodes ou a rustiquez – roupa parda, botões de couro de anta, chapéu toda a aba – causavam riso e susto”. A identificação aqui já não é tão clara, e o crítico espera que concordem com isso. Entretanto, a identificação torna-se mais visível quando o narrador diz a seguir do nosso jagunço: “Tomou fôlego, como burro entesa orelhas no avistar um fiapo de povo mais a rua, imponente invenção humana.” Ao avistar a rua, representada por possíveis leitores, entesar as orelhas o crítico não entesa, mas toma fôlego para criar coragem e prosseguir na leitura do conto.

E quando o narrador diz depois que Jeremoavo “tinha vergonha de frente e de perfil”, isso só reforça a timidez natural do crítico diante de um tema difícil e meio suspeito, como esse da aproximação com a teologia. Mais adiante, porém, no momento em que o narrador declara que Jeremoavo “devia também de alentar internas desordens no espírito”, é necessário afastar imediatamente qualquer identificação com a personagem, para que não se pense que aproximar literatura e teologia seja necessariamente uma desordem do espírito. Alguma coisa sem sentido algum.

A identificação com a personagem se reata no momento seguinte. Retomando a cena inicial: quando se abre a narrativa, Jeremoavo vem entrando na aldeia, vem vindo devagar, montado no seu cavalo raposo. Logo depois desmonta, aproxima-se das primeiras casas, meio desconfiado. Os moradores, também desconfiados, o olham, curiosos, receosos e ele – o narrador diz - “Sem jeito para acabar de chegar, se escorou a uma porta, desusado forasteiro”.

O crítico também não sabe direito como “acabar de chegar” ao tema que se propõe discutir. Precisa de uma porta para se escorar e encontra esse apoio no fato de que não irá fazer teologia e literatura, mas literatura e teologia. Entretanto por que insistir nessa distinção? Porque fazer literatura e teologia - o conselheiro Acácio diria isso com muita propriedade - é diferente de fazer teologia e literatura. A perspectiva é diferente porque, em nosso caso, privilegia-se a literatura, sem o

propósito deliberado de encontrar no conto alguma mensagem, seja de tipo religioso ou político.

Voltemos então ao texto, que é o eixo central da nossa reflexão. Depois de permanecer durante algum tempo sem jeito para acabar de chegar, Jeremoavo foi chegando, foi entrando na aldeia e acabou achando comida, abrigo e afeto na pensão de Domenha. Estava cansado e por essa razão – diz o narrador – “se amoleceu, sem serenar os olhos, ou seja, sem desviar a atenção. Como diz o narrador, ele estava “alquebreirado, tonteava” e, se insistirmos na razão desse mal-estar, saberemos que se trata da “cólica dos viajantes”, uma enfermidade que parece afetar todos aqueles que se aventuram por entre as fronteiras metodológicas que separam as disciplinas.

No caso de Jeremoavo, o que o deixa “alquebreirado” é a percepção de que se encontra na fronteira de um lugar (uma disciplina) muito problemático. “O Sr. se agrada?” Felizmente, ouve a voz de Domenha, a dona da pensão, “dando-lhe num caneco tisanas de chá, ele estirado em catre.” O narrador chama atenção para esse fato: “Tratavam-no, e por caridade pura, a que satisfaz e ocupa”.

Entretanto, na medida em que Jeremoavo vai se recuperando e as forças vão lhe voltando ao corpo, ele “se perturbava, pelo já ou pelo depois, nos mal-ficares”. Ou seja, sente que não está numa situação muito confortável, prevendo talvez que a “caridade pura” de Domenha logo será substituída por outras teologias. Isso se explica porque alguns moradores não aceitam sua presença na aldeia. E essa recusa é tão forte que o próprio narrador se surpreende: “sem donde se saber, teve-se aí sobre ele a notícia. Era brabo jagunço! Um famoso, perigoso. Alguém disse.”

O que acontece quando corre essa notícia? “Se estarreceu a Barra da Vaca, fria, ficada sem conselhos”. E então – o narrador conta – “Se”o Vanvães disse a Seo Astórgio, que a Seo Abril, que a Siô Cordeiro, que a Seu Cipuca: - Que fazer?” É a mesma pergunta de Lênin, e sabemos que ela deu origem a uma ideologia que acabou no Gulag. Na boca de Se”o Vanvães se transforma numa espécie de prévia condenação.

Depois de confabularem entre si, as autoridades da aldeia tomam uma decisão: “que, por hora, mais o honrassem”. É típico dos caminhos tortuosos do poder. E a esse propósito, convém lembrar Jorge Semprun quando diz que a burguesia sempre alimentou uma descon-

fiança exagerada em relação à literatura¹⁴². Com as burocracias político-religiosas é também assim, talvez pior, de sorte que a literatura sempre está em perigo porque há sempre alguém desejando neutralizá-la. E isso se faz de diferentes maneiras, dependendo do momento e das circunstâncias históricas.

Para neutralizar a literatura, pode-se prender, exilar, assassinar os escritores ou então assimilá-los, integrá-los, cooptá-los. Há várias maneiras de transformá-los em pessoas respeitáveis, condecorando-os com a Ordem disso e daquilo, colocando-os no primeiro lugar de uma lista dos mais lidos, sem falar nos prêmios, o maior deles o Nobel. Não há Nobel em Barra da Vaca, o que fazer?

Depois da decisão tomada pelos cinco – “que, por hora, mais o honrassem” – começa uma nova fase na vida do nosso jagunço. Convi-tes para conhecer a aldeia, o próprio Se’o Vanvães se encarregando de levá-lo pela mão para visitar as pessoas. No entanto, Jeremoavo é sempre visto como um estranho.

Para uns, era um “patrulho espião, que esperava bando de outros, para estrepolirem”. Para outros, “parecia até às vezes homem bom, sério por simpatia com integridades. Mas de não se fiar”. Em suma, tinham medo e, ao mesmo tempo, gostariam de poder desqualificá-lo, reduzi-lo, como se tentou, a “o velho da galhofa.” Mas não se podia reduzi-lo simplesmente a isso porque pesava contra ele, segundo nos conta o narrador, uma acusação inapelável: Jeremoavo “quebrava a ordem das desordens”.

De onde os moradores foram tirar essa idéia, não sabemos. Assim como não sabemos também quando Platão passou pelo sertão de Minas. O que se sabe, e é atestado pelo narrador numa frase que, sozinha, constitui um parágrafo, é isso: “E aquela aldeiazinha produziu uma idéia”. É a única vez em que o narrador emprega o diminutivo para se referir a Barra de Vaca. Uma ironia, talvez, como se quisesse dizer que a República torna-se menor quando expulsa os seus poetas. Mas qual é mesmo essa idéia?

Como as homenagens não mudassem o caráter de Jeremoavo e ele persistisse “na calada da consciência”, Vanvães, Astórgio, Abril, Cordeiro e Cipuca decidem organizar uma homenagem especial: uma pescaria com festa e, como sublinha o narrador, “assaz cachaças”. O narrador chama a atenção para esse fato: “Com honra o chamaram,

142 Intervenção de Jorge Semprum em debate organizado por Yves Buin, em Paris, 1964, sobre a presença da literatura na vida política.

enganaram-lhe o juízo”. No fim, ficamos sabendo o que de fato aconteceu. Quando Jeremoavo estava completamente bêbado, levaram-no para o outro lado do rio: “Logo do outro lado o deixaram, debaixo de sombra. Tinham passado também, quietíssimo, o cavalo raposo”.

Estava dado o recado: você não é dos nossos, não podemos ficar juntos na mesma margem do rio, o seu lugar é do outro lado. Enquanto isso, na aldeia, temendo a volta de Jeremoavo, os homens se armam. “Voltasse, e não seria mais o confuso hóspede, mas um diabo esperado, o matavam.” É assim, a literatura vive sempre em situação de risco, é sempre uma experiência extrema, como nos disse Maurice Blanchot, ou a experiência dos limites, como em Phelippe Sollers. Podemos então concluir que o diálogo entre a literatura e a teologia termina aqui, como uma impossibilidade teórica ? Calma.

2. Segunda margem: literatura e teologia – as irmãs siamesas

Enquanto Jeremoavo curte sua bebedeira, tentemos compreender o que se passa. Existe hoje, da parte de críticos e teólogos, assim como de escritores, um grande interesse na aproximação entre literatura e teologia, assim como já se fez com a psicanálise. Podíamos lembrar, de um lado, nomes como Frank Kermode, Octavio Paz, Jorge Luis Borges; de outro, Urs Von Balthasar, Paul Tillich, Karl-Josef Kuschel. Há uma lista enorme de nomes e esse interesse se traduz em simpósios e seminários que se multiplicam e também numa produção acadêmica já significativa, inclusive entre nós.

Até porque as relações entre literatura e teologia vêm de longe, são como o pecado original, quer dizer, nascem junto conosco e nos acompanham desde a aurora do mundo. O profeta Ezequiel foi obrigado a engolir um livro e depois, meio sem jeito, antecipou o prazer do texto de Barthes dizendo que o livro lhe fora doce como o mel. Muito depois, o evangelista João veio nos dizer que no principio era o Verbo e o *Verbum caro factum*, o Verbo se fez carne. E Santo Agostinho, que cito também por compulsão bibliográfica, se apressa em esclarecer que antes de se fazer carne, o Verbo fez-se palavra humana¹⁴³. Portanto, a teologia e a escrita são irmãs siamesas.

Não é por outra razão que elas sempre estiveram próximas uma da outra nos cantos líricos em louvor da divindade, nos ritos e hinos

143 Cf. De doutrina crhistiana.

litúrgicos de todas as tradições religiosas. Nem é necessário lembrar a presença da poesia no Bagavaghita e na Bíblia. Na tradição hebraica, a escrita é concebida dentro de uma ligação muito forte com o divino. Na tradição grega, a idéia do *entusiasmo* associa a inspiração poética à profecia ou à possessão por um Deus. Platão inventa os poetas teólogos e o movimento da Patrística em direção à estética produz, no cristianismo helenizado, hinos litúrgicos que se elevam à dignidade de um gênero literário. Sem falar nos textos sagrados e profanos que mutuamente se atraem e se misturam como anéis entrelaçados.

Mas, se for possível retomar um título de La Boétie, podemos dizer que, em determinado momento, houve um mau encontro nessa história. É quando a teologia se converte em doutrina e se começa a falar em Verdade (sic) com V maiúsculo. A partir desse momento, o teólogo tende a transformar-se numa espécie de guardião da doutrina, único depositário da verdade. E como lembra o Umberto Eco de *O nome das rosa*, passa a ter tantas certezas que se torna seguro até mesmo dos seus erros. E sua linguagem, como diz Roland Barthes em outro contexto, transforma-se numa linguagem encrática (*in kratos*), ou seja, uma linguagem de poder.

A posição dos moradores da aldeia, a respeito da possível volta de Jeremoavo, é esclarecedora: se ele voltar, será considerado um diabo, aquele com o qual não se quer acordo. Matamo-lo. Ora, isso não é novidade. Depois da leitura, para dar alguns exemplos, de *Um dia na vida de Ivan Desinovitch*, de Soljenytsin, de *A religiosa*, de Diderot, ou do livro de Octavio Paz sobre Sor Juana Inês de La Cruz, não é possível alegar-se inocência a esse respeito... Como diz ainda Octavio Paz, no mesmo estudo que acaba de ser citado, as burocracias político-religiosas produziram aqueles “leitores terríveis”, entre os quais ele inclui o arcebispo e o secretário-geral do Partido, porque é deles que emanam os anátemas e as condenações

Por tudo isso, há entre os teólogos um certo viés autoritário e, quando se aproximam da narrativa ou da poesia, logo eles procuram justificar-se alegando o poder teológico da literatura. Ora, a literatura terá mesmo algum poder? Barthes poderia nos recordar que, em oposição a discurso de poder da teologia, a linguagem da literatura é uma linguagem acrática (*a-kratos*), ou seja, à margem ou contra o poder. E a prova disso é Jeremoavo de porre, expulso da aldeia, do outro lado do rio.

Que poder então é esse que dizem que a literatura tem? A esse

respeito, uma frase de Sartre, como acontece com todas as frases de Sartre, funciona como um mantra, um slogan, uma palavra de ordem. “Em face de uma criança morrendo de fome – diz Sartre – *A Náusea* não pesa nada”. A isso, o escritor, também francês, Jean Ricardou responde ser injusta a balança que põe num prato um livro e no outro uma criança. Se quisermos intervir nesse debate, ao lado de Sartre ou de Ricardou, precisamos saber que, no fundo, eles concordam numa coisa: a literatura tem o poder de transformar num escândalo a morte dessa criança. Mas então ele tem poder? Seria preferível falar-se em des-poder: o des-poder dos apocalípticos contra o poder dos integrados.

E esse des-poder funciona como o *ex-opere operato* dos sacramentos, independe do escritor, de suas posições políticas ou de sua visão de mundo. Nesse sentido, Honoré de Balzac é exemplar. Ele dizia escrever “à luz de duas verdades: o trono e o altar”. Não adiantou nada, a direita francesa jamais o aceitou, ele foi o Jeremoavo da França do século XIX. E, ironicamente, mereceu o elogio de quem? De Engels. Por que isso? Porque uma coisa é o escritor empírico, outra a sua obra. Balzac podia não saber direito o alcance do que estava dizendo, mas a direita francesa sabia, e Engels sabia muito bem.

Por isso mesmo, a literatura é muito ciosa de sua linguagem. Irreverente, rebelde, transgressora, alérgica a doutrinas e a dogmatismos, ela faz um uso especial da linguagem, e esse uso especial constitui o que Jakobson chama de literariedade que, por sua vez, é o fundamento do des-poder da literatura. Para explicar melhor esse conceito de literariedade, podemos recorrer a uma famosa distinção que Barthes faz entre o escrevente e o escritor. O escrevente é aquele que privilegia a mensagem; já o escritor privilegia a linguagem em detrimento do filosofema, do sociologema, do teologema.

Isso não quer dizer, porém, que a literatura crie para nada, como algumas vezes se pretendeu. O que lemos como literatura – e digo isso lembrando o crítico João Alexandre Barbosa – é sempre mais, é história, é psicologia, acrescentemos: teologia. Quer dizer, quando a literatura fala, fala do homem e do mundo. Só que esse *plus* em sua dicção é dado à literatura pela literatura, pela eficácia da linguagem literária. E já que se trata de literatura e teologia, aprendemos com Robert Alter que a própria Bíblia adquire profundidade e sutileza por ser apresentada mediante os mais sofisticados recursos da prosa de ficção.

Eis o porquê da desconfiança em relação a todos aqueles que simplesmente querem fazer uso da literatura para transmitir uma men-

sagem. É significativo que uma poeta como Adélia Prado, que, como pessoa, pertence a uma tradição religiosa muito forte, uma vez que é poeta, portanto escritora e não escrevente, sabe fazer essa distinção:

Sei que Deus mora em mim
como sua melhor casa.
Sou sua paisagem,
sua retorta alquímica
e, para sua alegria,
seus dois olhos.
Mas esta letra é minha.

Em outras palavras, o que observamos nesse poema de Adélia Prado é a rejeição da concepção utilitária da literatura. Jean Cocteau exagera essa rejeição numa famosa conferência. Ele começa muito solene: "A literatura serve para alguma coisa" Então pára, meio indeciso, para exclamar: "Se ao menos eu soubesse para quê !."

O que ambos estão nos dizendo, cada um do seu jeito e com seu viés próprio, é que a literatura não pode ser instrumentalizada, não pode ser transformada em veículo de transmissão de mensagem alguma. José Miguel Wisnik lembra o caso de Drummond: *A rosa do povo* é um dos mais densos exemplos de poesia engajada, ao mesmo tempo, antipanfletária e, além disso, ciosa de sua autonomia. Se é assim, alguém poderá retomar uma questão que deixamos atrás, quando Jeremoavo foi levado para o outro lado do rio, e constatar, pela segunda vez, a impossibilidade teórica do encontro entre a literatura e a teologia. Será verdade? Por enquanto, tudo leva a crer que sim. No entanto...

3. Terceira margem: o instante da vertigem

No entanto, alguns indícios deixados pelo narrador ao longo do conto mudam um pouco o rumo de nossa investigação e alimentam outra suspeita. Lendo-se com atenção, percebe-se que nele não existe apenas a teologia do Se "o Vanvães e dos mandatários da aldeia, a tenebrosa teologia do poder. Há também, nesse conto a teologia de Domenha, aquela que acolhe e recebe Jeremoavo, no exercício da "pura caridade", como diz o narrador. Ou, como diria Horkheimer, aquela teologia que se apresenta como a esperança de que os assassinos não triunfem sobre a vítima inocente.

Já ouvimos falar, vamos chamá-la assim, nessa *nouvelle theolo-*

gie que não se fecha na esterilidade positivista denunciada por autores como Kierkegaard ou Miguel de Unamuno, mas se abre para uma razão sensível, existencial, humana, ou, recorrendo a Paul Tillich, para o momento participativo da razão subjetiva, no qual a análise não nega a emoção. Voltemos outra vez para o texto. Em certo momento, Domenha aproxima-se de Jeremoavo, e “Olhando-o: - Felicidade se acha é só em horinhas de descuido”.

Nesse momento, surpreendemos a teologia de Domenha em flagrante delito poético, porque a poesia acontece nesse instante, nesse lapso da palavra: uma horinha de descuido - e se cai na vertigem da linguagem. A poesia é essa vertigem, um instante do ser, mas um instante inesquecível. Citarei dois lingüistas que são testemunhas dessa vertigem. Primeiro, Julia Kristeva:

É necessário saber apesar de tudo se essa coisa que fala quando eu falo e que me implica totalmente em cada som que enuncio, em cada palavra que escrevo, em cada signo que faço, se essa coisa é realmente eu, ou um outro que existe em mim, ou ainda um não sei que de exterior a mim mesmo que se exprime através de minha boca em virtude de qualquer processo ainda inexplicado. (Kristeva, 1969)

Quem é esse, afinal, que fala quando Kristeva fala? Ela não sabe. Nós não sabemos. O segundo lingüista que chamo para depor, A.J. Greimas, também não sabe, mas, mesmo assim, arrisca uma suspeita: “Talvez exista um mistério na linguagem” (Apud. Crossan, 1976). O advérbio “talvez”, ao acentuar uma dúvida, nos encaminha para a idéia agostiniana da *cognitio vespertin*, essa forma de conhecimento teológico que se dá na penumbra da tarde ou na fragilidade do “talvez” de Greimas.

Seja como for, os dois lingüistas que acabo de citar não estão muito longe de G. Crespy, um teólogo que trabalha justamente a relação entre linguagem e teologia. Se Kristeva não sabe quem fala quando ela fala, e se Greimas desconfia de um mistério, mas fica por aí, Crespy vem nos dizer que Deus existe é na linguagem e é lá que devemos procurá-lo.

Ora, dizer que devemos procurar Deus na linguagem é o mesmo que dizer que devemos procurá-lo na literatura, sobretudo na poesia, porque ela, como diz Jorge Luis Borges, é um brusco dom do Espíri-

to, a iminência de uma revelação, sempre pronta para a *katabasis*, o mergulho no fundo do texto, ou a *anabasis*, o impulso de nos levar além.¹⁴⁴

4. Momento mágico: saudade e graça

Vamos agora interromper por um instante o fio de nosso pensamento porque Jeremoavo, já no fim do dia, começa a voltar a si. Sem que ele nos veja, vamos observá-lo. O efeito da bebida passou, ele olha em volta, percebe que está sozinho, do outro lado do rio, o cavalo ali encilhado e - o narrador nos ajuda - “entendeu, pelo que antes: palpou a barba, de incontido brio”

Num relance, viu tudo. Podemos então imaginar o sentimento que o domina: dor, abandono, revolta. Ele se sente – diz o narrador – “desterrado, desfamilhado, só com a alta tristeza, nos confins da idéia”. É a segunda vez que isso lhe acontece. Na primeira, foi abandonado pela família literária, nos bons tempos do Formalismo de estrita observância, quando a literatura só olhava para si e não percebia o mundo à sua volta.

Naquele tempo, já sabia que os escritores escrevem, como diz Leila Perrone-Moisés a propósito de Fernando Pessoa, porque o mundo que eles vêem não lhes satisfaz. E por saber isso, era então mal visto pelos devotos mais fervorosos do Formalismo, esquecidos da lição de Jan Mukaróvsky segundo a qual os valores extra-estéticos são componentes da construção estética. Agora, é o contrário, a família teológica o condena ao exílio, do outro lado do rio, por saber que ele não será um confiável portador de mensagens.

Apesar de tudo isso, Jeremoavo ainda é capaz de sentir saudade. “Saudade maior – diz o narrador – eram: a Barra, o rio, o lugar, a gente.” E na aldeia, o que se passa? Quando tudo acaba e a vida vai aos poucos voltando ao normal, os moradores começam a rir de si mesmos e “do medo geral do graúdo estúrdio Jeremoavo”. Caçoam amigavelmente de Domenha, a única pessoa da aldeia que manifestara ternura pelo jagunço. E então produz-se um acontecimento absolutamente notável: os mesmos moradores que expulsaram Jeremoavo e, por pouco, não o mataram, agora - o narrador informa - “tinham graça e saudades dele”.

Esse é o momento mágico da leitura, o momento da correlação

¹⁴⁴ Os teólogos chamam de *katabasis* o movimento de Deus em direção ao ser humano e *anabasis* o movimento do ser humano em direção a Deus.

entre as duas margens do rio, se for possível lembrar assim a palavra de Paul Tílich¹⁴⁵. Os olhos do leitor brilham ao perceber uma das possibilidades de leitura desse conto. É como se o narrador lhe perguntasse: Entendeu? O diálogo entre literatura e teologia, se for possível, não é apenas uma questão de método ou uma questão teórica, é também uma questão de graça e saudade. Ao elemento racional devemos, pois, acrescentar o irracional tal como o entendeu Rudolf Otto: uma dimensão da experiência humana que justamente escapa às categorias da razão para nos trazer de volta valores humanos demasiado humanos como o sentimento e a emoção.

De todo modo, a saudade e a graça exercem na narrativa de Guimarães Rosa o papel da peripécia aristotélica e anunciam uma possível reviravolta nos acontecimentos. É verdade que nada no conto nos autoriza a pensar que Jeremoavo voltou ou vai voltar para a aldeia. Ele tem um incontido brio. Assim, não sabemos se o diálogo entre literatura e teologia será mesmo possível. Para isso, além de manifestações de boa vontade, como temos visto de parte a parte, será necessário ainda, como lembra Karl-Josef Kuschel, que os teólogos abandonem a arrogância de manipular o texto literário e, por sua vez, os críticos renunciem à arrogância de não perceber o elemento religioso pulsando no fundo do texto.

Felizmente, observamos no conto que, de uma margem do rio, parte um aceno de saudade e, da outra, a graça que perdoa e redime. É pouco? É o bastante para pensarmos que o ambíguo des-poder da literatura tem o des-poder ambíguo de permitir que nos comuniquemos através daquilo mesmo que nos separa.

Na leitura que acabamos de fazer, Jeremoavo representa a literatura porque, mesmo em situação de exílio, “em aflito caminho para nenhuma parte”, sua palavra errante está à procura de alguém. Domenha representa a teologia porque, vivendo entre a graça e o diabo, ainda é capaz de um descuido e de abrir o coração. E, na verdade, se os dois têm saudade um do outro, como vimos, é porque a literatura e a teologia participam da mesma procura e do mesmo descuido, dilaceradas as duas entre o diabo e a graça.

Assim, pois, se este é um daqueles “amores difíceis” de Ítalo Calvino, mesmo assim Jeremoavo e Domenha poderão se encontrar nas margens do rio Urucúia, no conto de Guimarães Rosa ou nos interstí-

145 Todas as alusões a Paul Tílich remetem a idéias e conceitos desenvolvidos na obra *Teologia Sistemática*.

cios deste texto. Afinal, no espaço literário, esse rio, assim como o texto, e a catedral, é também um espaço teológico: *Mère de Jesus-Christ, je ne vien pas prier...*

Referências

- ALTER, Robert A **arte da narrativa bíblica**. São Paulo: Cia. das Letras, 2007
- BLANCHOT, Maurice. **L'espace littéraire**. Paris: Gallimard, 1955
- CRESPY, G. **Essais sur la situation actuelle de la foi**. Paris: Cerf, 1970.
- CROSSAN, J.D (Apud). **Incursion sobre lo articulado**. Buenos Aires: Megalopolis, 1976
- GREIMAS, A.J. (Apud). **Incursion sobre lo articulado**. Buenos Aires: Megalopolis, 1976.
- HORKHEIMER, M. In: "La añoranza de lo Completamente Outro". **A la Búsqueda Del Sentido**. Salamanca: Sigueme, 1976.
- JAKOBSON, R. **Linguística e Comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1970.
- KRISTEVA, Julia. **História da Linguagem**. Lisboa: Edições 70, 1969
- KUSCHEL, *Karl-Josef*. In: **Os Escritores e as Escrituras**. São Paulo: Loyola, 1969.
- MUKARÓVSKY, Jan. **Escritos sobre Estética e Semiótica da Arte**. Lisboa: Estampa, 1981.
- ROSA, Guimarães. **Tutaméia**. Rio de Janeiro: José Olympio, 3ª. Edição, 1969.
- SOLLERS, Phelippe. **La Escritura y la experiencia de los limites**. Valencia: Pré Textos, 1978.
- TILLICH, Paul. **Systematic Theology**. Chicago: Chicago University Press, 1973.
- WISNIK, José Miguel. "Drummond e o mundo". In: **Poetas que pensaram o mundo**. Adauto Novaes (Org). São Paulo, Cia. das Letras, 2005.